

ANTÔNIO SÉRGIO, *ENSAIOS POR DESCOBRIMENTO DA CULTURA EM PORTUGAL*

Ana Luiza Marques

Doutora em História Social da Cultura (PUC-Rio)

analuzamarques@yahoo.com.br

Resumo: Antônio Sérgio escreve os *Ensaios* para apresentar o problema da cultura em Portugal, com o fim de acordar a elite intelectual para a faina da revolução cultural. Tal revolução deseja a cultura autêntica como crítica, porque assim entende ter sido no Quinhentismo ou na época dos Descobrimentos. Ocorre que o Quinhentismo português foi promessa que não se cumpriu. Os *Ensaios* objetivam a cultura como crítica, à semelhança do que fizeram gerações de portugueses que denunciaram o estancar de Portugal, conscientes da promessa não cumprida.

Palavras chaves: ensaio, crítica, cultura.

Abstract: Antônio Sérgio writes the *Essays* to present the problem of the culture in Portugal, he wants to awake the intellectual elite to the chore of the cultural revolution. Such revolution wishes the authentic culture as criticism, because like that he understands it to have been at “Quinhentismo” or in the age of the Discoveries. It happens that the Portuguese “Quinhentismo” was a promise that was not carried out. The *Essays* aim at the culture as criticism, similar to what generations of Portuguese did when they denounced the stop of Portugal for awareness of unfulfilled promise.

Key-words: Essay, critics, culture

Não; não logro perdoar às nossas condições de cultura o impelirem um escritor com[o] o crítico da *Vértice* [...] a improvisar um artigo como este seu a que aludo, que foi pensado a dormir, ao qual tenho de replicar relutantemente e com mágoa, e tão-só pela conveniência de não abandonar o meu posto na prossecução de uma faina que sobre mim eu tomei: – a da revolução cultural, – pela introdução, entre nós do racionalismo de método, da análise clarificadora, da investigação *problemática*, da disciplina crítica. (Antônio Sérgio, 1977, p. 207.)

Antônio Sérgio¹ faz dupla negação frente à crítica recebida pela obra **Ensaios**: nega perdoar as condições de cultura onde seu crítico pensa a “dormir” e nega a si mesmo qualquer desvio da faina – a “revolução cultural” em Portugal – que tomou para si. Negações mutuamente dependentes, porque alguém que o lê “a dormir” não se esclarece quanto à cultura e, assim, não contribui na revolução. Observe que, apesar disso, a réplica não é avassaladora, mas relutante e magoada, conforme convém à prossecução da faina, ou seja, à direção do trabalho a que alguns indivíduos devem se dedicar. As “Notas de Esclarecimento” escritas em 1950, regadas de relutância e mágoa, vêm cumprir a faina dos **Ensaios** através do auto-esclarecimento do autor, não tanto porque isso há de reverter as práticas de que o acusam, e sim para fazer os indivíduos dedicados à leitura acordarem frente às condições de cultura nas quais a obra se inscreve.

Ora, Antônio Sérgio oferece ao leitor o modo para se caminhar às claras: o racionalismo, a investigação *problemática*, a disciplina crítica, assim como o que entende receber em troca: um pensamento sonâmbulo. Ele lhes oferece luz e eles, no entanto, permanecem dormindo: Que falta de consideração! Se de fato quer prosseguir na faina que toma para si, deve resignar-se na luta entre luz e trevas, inteligência e ignorância, **Ensaios** e condições de cultura. Resignação feita por “fé na inteligibilidade” que, na época dos Descobrimentos, pôs Portugal na vanguarda dos povos cultos (SÉRGIO, 1977, 255). O autor identifica, sobretudo, o quinhentismo à cultura autêntica, vigilante e atenta, praticante da disciplina crítica. Ocorre que o “espírito português do Quinhentismo – foi promessa que se não cumpriu” (SÉRGIO, 1977, 27). Por conseguinte, a disciplina crítica não é instrumento inédito para se caminhar em Portugal, tem seu passado bem datado, e se faz

¹ Antônio Sérgio de Sousa nasceu no dia 3 de setembro de 1883 em Damão (Índia), onde o pai era então governador. Membro de uma família de oficiais da Marinha, teve formação técnica na Escola Naval. Em 1912, ele abandona a Marinha por atividades junto à tipografia do sogro em Londres e no Rio de Janeiro; nessa cidade mora nos anos de 1913 e 1920. Foi exilado em Paris e Madri durante o governo de Antônio de Oliveira Salazar, contra o qual lutou. Participou de grupos de intelectuais como a Renascença Portuguesa e o Grupo da Biblioteca (Nacional de Lisboa), de revistas como a Seara Nova, Águia e Pela Grei e de obras coletivas como a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Jamais ingressou em qualquer partido político, mas sempre participou vivamente da política portuguesa mesmo quando exilado. Faleceu no dia 24 de janeiro de 1969 em Lisboa.

tarde para dormir diante dela. Os **Ensaio**s buscam revigorar a crítica como cultura, acordar o “ambiente lusíada”, soltar as amarras, “*descerrar horizontes*”, enfim, descobrir a esperança na promessa não cumprida (SÉRGIO, 1977, 194). Entenda-se por isso: a vanguarda do mundo uma vez mais em Portugal.

Destaca-se aí a denúncia do estancar da cultura logo após o feito dos Descobrimentos. Para Antônio Sérgio o problema da cultura está em não possuir a disciplina crítica e o experimentalismo que julga característicos do racionalismo moderno e do desenvolvimento tecnológico e econômico vivido na Europa. Após os Descobrimentos, no seiscentismo português, não reconhece mais “um ambiente vital de inteligência crítica” próprio à autêntica cultura, tanto que revive a acusação do século XVIII: “Somos o Reino Cadaveroso; somos o Reino da Estupidez”. Ainda que nos séculos XVII e XVIII se encontrem homens de “gênio” como Antônio Vieira e Luis Antônio de Verney, o ambiente não convém à criação de obras cuja “profundez de emoção ou idéia” ultrapasse a prosa decaída no “bonito” e “ornamental”.²

Ocorre que gerações de portugueses de inteligência, desde Luís de Camões, denunciam justo o declínio do ambiente pátrio depois dos Descobrimentos. Homens que, tal qual Camões, Vieira e Verney, viveram longos anos no exterior e daí projetaram críticas, avisos, denúncias contra o “ambiente lusíada”. Consoante o elogio à tradição dos “estrangeirados” – assim Antônio Sérgio chama, principalmente, a Verney –, procura-se a crítica feita às condições de cultura ao longo de séculos, pois lhe interessa menos a análise da crítica como cultura autêntica em Portugal, que os procedimentos de cultivo dos leitores através de obras. Daí as polêmicas de Antônio Sérgio assinalarem as condições de cultura em obras, como por exemplo, na poesia sentimental de Guerra Junqueiro, na lírica de Camões, na crônica e na narrativa da Conquista de Ceuta e do sebastianismo, nos **Sonetos** de Antero de Quental (SÉRGIO, 1980 e 1981). Doravante, vale mais ensinar a disciplina crítica aos leitores para que se esclareçam do ambiente e das obras e revolucionem a cultura. Isso significa que a “análise clarificadora” não incide sobre o caráter crítico, descoberto e exaltado nos portugueses de inteligência, mas na denúncia do uso dito sonâmbulo bastante propício à conservação do tal ambiente indesculpável.

² Sobre o “espírito português do Quinhentismo”, características e estiolamento, Antônio Sérgio, “O reino cadaveroso ou o problema da cultura em Portugal”, 1977, pp. 27, 28, 37, 40, 47 e 50.

Quando jovem, ainda oficial marinheiro, Antônio Sérgio se confessa um “gourmet” das idéias. Em 1909, escreve à noiva: “nunca me lembro da produção, vou atrás de toda espécie de idéias como um gourmet [...] mas reconheço que não deve ser assim, porque há o dever de agir, concorrer para a luz, ser útil, comunicar o entusiasmo do bem e da justiça [...]” (apud CATROGA e CARVALHO HOMEM, 1983, p. 838). No início, saboreava as idéias, depois elas passam a instrumento da revolução em meio a mágoas e rancores. Os **Ensaaios** são construídos a partir de um projeto de juventude, algo inicialmente arquitetado como “modesto ensaio crítico”, cujo fim é chamar a atenção da elite intelectual portuguesa (CATROGA e CARVALHO HOMEM, 1983, p. 846-849). A mágoa afirmada sem culpa, somada à admiração pelos que fazem da denúncia sua espada, permite especular que aquele traço de gourmet recolhe a força destruidora que os **Ensaaios** vêm aclamar. O fim primeiro de chamar a atenção da elite intelectual de algum modo enlaça a obra às condições de cultura nas quais luta, na medida em que não se rompe com a tradição da denúncia. Se de fato os **Ensaaios** se pretendem críticos, se a cultura vem aí a ser idêntica à crítica e se a análise não se debruça sobre essa descoberta, então, a melhor serventia é a justa aproximação do “ambiente” para acordar os leitores: a elite intelectual.

Daí este apelo:

Permita o Destino que a minha obra escrita se não exaure de toda nestes dias de hoje; que não deixe readormecer os que acordou outrora, e que acorde também os das gerações vindouras; que o meu rio de idéias não vá parar a um remanso, estagnadinho e tranqüilo; oxalá que ele avance para ir correr por um delta, atraído ao mar alto por largas bocas diversas, por grande multidão de canais, – o que só poderei alcançar pela humildade da Problemática (SÉRGIO, 1977, p. 245).

O “Destino” há de permitir que a obra escrita siga iluminando o campo da cultura. Oxalá que as idéias se movimentem em leito de rio que corre para o mar. A obra como “rio de idéias” cuja grandeza irriga o campo da cultura, oferece a problemática humilde e resignada na denúncia do que falta. Vale mais o “espírito ensaístico”, que estrutura a obra escrita, que o objeto da problemática (SÉRGIO, 1977, p. 245). Por exemplo, quando se põe o problema de ‘por que os portugueses conquistaram Ceuta?’ segundo a crônica de Azurara e mediante a leitura de Oliveira Martins, importa menos a tese alcançada que a forma de apresentação. A leitura da crônica não tem que trazer novidade, tão pouco a pergunta, mas sim a forma de escritura que apresenta teses dedicadas ao “problema da cultura em Portugal”. Os **Ensaaios** ensinam aos leitores o procedimento, o modo pelo qual se chega à

formação de idéias sobre algum fato. Ocorre que, ao se construir a hipótese apresentada, certa leitura do fato se desobedece sem que se destrua a cadeia onde o tema tratado ganha singular importância. Apenas assim, a problemática, como hipótese ou idéia ensaiada, desculpa as investidas da escritura frente aos temas de cultura, no claro intuito de acordar os leitores para a semeadura sem avassalamento.

Ensaíar³ é tatear, arriscar, tocar, experimentar, uma vez mais, o consumado. Não existe ensaio que se dedique ao nunca antes visto, ao inteiramente novo. Também não existe ensaio que deslize em direção à origem do objeto, mas sim o que faz corte grave e severo de algo merecedor de estar ali. Isso porque nenhum ensaio induz ou deduz o objeto de algo primevo. A arbitrariedade o leva às raias do assim é, não se deixa iludir que alcançou algo além ou por detrás do que aparece, e que, talvez, pudesse aconchegar a angústia do pensamento. O ensaio não foge ao atrito com o objeto, pelo contrário, mergulha nele fazendo jus ao pensar. Tomado assim, como forma por excelência de apresentação do pensamento mergulhado arbitrariamente no objeto, o ensaio tateia destroços, ou melhor, restos de objetos já batidos.

Definir ensaio é quase tão impossível quanto esquecer que inexistente algo por detrás de qualquer escritura. A carência de definição estilística não o torna, contudo, irresponsável pelo que cuida, até porque nenhuma escrita se engana como plenamente responsável. Na medida em que sempre se dedica arbitrariamente a seu objeto fazendo jus ao pensar, todo ensaio lança mão de conceitos. A experiência assim particularizada não se perde porque está atrelada a algo primeiro ou maior, mas porque está assentada numa apresentação conceitual. Reflexão e crítica marcam o ensaio em literatura porque a forma ensaísta obedece à forma do pensamento sem hipocrisia. E como o pensamento falha, erra, desvia, rateia, também o ensaio falha, erra e rateia. Daí o abundante uso do “talvez” nos **Ensaíes** de Antônio Sérgio não os enfraquecer, antes porém, fortalecer a argumentação; destacadamente, quando se apresenta conceitos tais como: idéia, racionalismo, percepção,

³ Sobre ENSAIO: Georg Lukacs, “Esencia y forma del ensayo (Carta a Leo Popper)”. **ECO – Revista de la Cultura de Occidente**, Enero de 1967, Bogota: Bucholz; T. W. Adorno, “O ensaio como forma”, in **Sociologia**, org. Gabriel Cohn, 2ª ed. São Paulo: Ática, s/d.

Além desses autores, as seguintes obras de referência: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1158; Larousse, **Dictionnaire des Littératures**, p. 528-9; Silvio Lima, **Ensaio sobre a essência do ensaio**. São Paulo: Saraiva, 1946; Moisés Massaud, **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999; Pavis, **Dicionário de teatro**. São Paulo: Prespectiva, 1999, p. 129; Philippe Van Tieghem (dir.), **Dictionnaire des littératures**, vol. D-J, 2ª ed. Paris: Press Universitaire de France; Luiz Paulo Vasconcellos, **Dicionário de teatro**. São Paulo: L&PM editores, 1987, p. 80.

mística, cultura e educação (SÉRGIO, 1977, 194-5). Ocorre, contudo, que o uso dos conceitos não garante quer certeza, quer clareza de pensamento, visto que pensar não é cumprir as regras racionalistas. Na forma ensaísta, a escritura se esmera em reter o fluxo do pensamento através da constante repetição de instantes em que algo vem ao conhecimento. Os conceitos, como construções cognitivas gerais, vêm em auxílio da experiência sobre o objeto aí, e assim permitem que se entenda algo distinto do sistema lógico dedutivo e indutivo. As implicâncias do ensaio para com o racionalismo surgem dessa liberdade autorizada na forma, nem um pouco libertina, que a reflexão do pensamento sobre si mesmo permite no instante que penetra o objeto. Os conceitos não salvam o pensar quer da falibilidade, quer do isolamento perante o mundo das coisas: sua função, muito ao contrário, deve ser salvar fragmentos do objeto e apresentar idéias.

Sendo assim, quando se aponta nos **Ensaio**s de Antônio Sérgio que a argumentação tanto circula quanto desvia e repete termos, que aí se conjuga antes uma retórica da dúvida por conceitos, ainda se está conforme a forma ensaísta.⁴ O reconhecimento da abundância da forma coincide com a excelência da obra, isto é, Antônio Sérgio se esmera mais na apresentação da problemática que na análise do objeto. Cada uso da palavra “talvez”, os lamentosos “ai de mim” ou os parênteses de cumplicidade com o leitor findam por liberar a problemática ou a crítica para que avance sobre os objetos de cultura e cumpra a função denunciadora. A forma ensaísta em identidade com o pensamento e decorrente implicância com a disciplina racionalista, bem ao contrário do que prega Antônio Sérgio, permite antes que ele construa um edifício de idéias úteis à mobilização pela revolução cultural, que se transforma na própria cobertura contra acusações e denúncias recebidas.

Antônio Sérgio defende idéias por **Ensaio**s para que, simultaneamente, os mesmos o defendam das condições de cultura que nega perdoar. Por exemplo, quando ele escreve que a experiência de Camões na Lírica é congeminção e não simples reflexo da vida amorosa do poeta, contra o que em geral afirmam os comentadores daquela obra, aplica os conceitos de idéia e experiência apresentados ao longo dos **Ensaio**s. Isso na esteira daquela noção de

⁴ Aqui referenda-se a: Eduardo Lourenço, **O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português**. 5ª ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992; J. Oliveira Branco, **O humanismo crítico de Antônio Sérgio. Análise dos seus vectores filosóficos**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1986; Vasco de Magalhães-Vilhena, **Antônio Sérgio e a filosofia**. Lisboa: Cosmo, 1960; Vitorino Magalhães Godinho, “Antônio Sérgio: presença no passado, presença no futuro”, in **Ensaio**s. **Humanismo científico e reflexão filosófica**, vol. 4, Lisboa: Sá da Costa, 1971; e Joel Serrão, “O lugar da História no pensamento de Antônio Sérgio”, in Vasco de Magalhães-Vilhena et al., **Homenagem a Antônio Sérgio**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa-Instituto de Altos Estudos-Coletâneas, 1976.

que o racionalismo moderno, do qual Portugal se desviou, tem por características a crítica e o experimentalismo. O que soa quase como certeza de que as idéias são criações do intelecto que intervêm na experiência, mãe das coisas no entendimento, tal qual ensinara Duarte Pacheco no século XVI. Afirma-se a partir disso, uma vez mais, que a experiência formada em correspondência com a crítica está para a cultura autêntica dos Descobrimentos. A autenticidade da faina da revolução cultural repete a faina maior dos descobridores. E, enfim, a excelência da forma escrita legitima o edifício de idéias e experiências chamado **Ensaio**.

Vale lembrar que ensaiar também é usar alguma técnica para prever problemas em uma estrutura de engenharia: prédio, navio, tanque, represa. Trata-se do ensaio no sentido de teste ou prova. E Antônio Sérgio afirma: os **Ensaio**s foram construídos como edifício de “concatenação de idéias” (SÉRGIO, 1977, 208). Logo, jamais será algo novo, pois reproduz condições da realidade que afeta a estrutura no cotidiano, ou seja, na experiência ordinária. Também jamais será quer uma particularização libertina, quer um fim determinável, porque aplicará princípios conceituais e lógicos que definirão resultados que podem talvez vir a acontecer. Nesses termos, testa estruturas e prova a resistência ou falibilidade, a indicar caminhos para a solução do problema que caberá a outros procedimentos técnicos executar.

A partir das definições do ensaio em literatura e em engenharia, no sempre retomado fôlego dos Descobrimentos como faina exemplar para a revolução, especula-se em que condições a promessa não cumprida vem a ser útil à obra. Visto que não se trata de vaga menção ao passado. Não é saudosismo, muito ao contrário, resiste claramente a isso. O destino que protege os **Ensaio**s do esquecimento dá-se por retorno aos descobridores e à consciência de gerações de intelectuais quanto a ser Portugal promessa que se não cumpriu. Se alguém for capaz de imaginar essa promessa como uma contínua antevisão da história de Portugal, algo como que sempre preparado e assistido, poderá ler a promessa como peça teatral ensaiada na obra de Antônio Sérgio. No teatro, o ensaio pormenoriza partes da peça, que não está dada nem nos vários ensaios de palco, nem no ensaio geral para a platéia especializada de críticos. Na pormenorização da peça se pode até mesmo contar a falta e mergulhar na importância do detalhe que então surge. De fato, nenhum ensaio se pretende peça, ainda que toda encenação finda por ser novo ensaio. Nenhuma das teses e

interpretações apresentadas pretende-se verdade histórica da cultura em Portugal, todavia findam sempre como outra montagem da mesma peça: os Descobrimientos não deram os frutos que todos esperavam. O que é por nunca ter sido, afinal, vem a ser a totalidade da peça prometida.

É preciso pormenorizar os temas da cultura, contando as experiências e as faltas, ainda que errando nas conclusões, para que isso se converta em exigência ética que vigia a cultura. A faina dos descobridores deve ser revivida nos criadores de cultura classificados por Antônio Sérgio como críticos (SÉRGIO, 1980, p. 10). Como o velho do Restelo moveu a cabeça desaprovando a busca de riqueza em detrimento da divulgação da civilização cristã ocidental, lá do alto do cais donde partiu Vasco da Gama, também os **Ensaio**s se movem como rio de idéias para mar da vanguarda ética como experiência política e econômica, respectivamente, democracia e cooperativismo. Entende-se por isso: a autonomia dos criadores de cultura como críticos, ou melhor, a elite intelectual formada na disciplina de denúncia persegue a vanguarda ética como ideal de liberdade política e econômica. A ambição dessa vanguarda cresce entre os lusitanos justo por consideração da cultura, na medida em que aí se encontra fato verdadeiramente histórico: os Descobrimientos. A experiência passada da descoberta do mundo prefigura outras tantas experiências no campo de cultura, fertilizado pela denúncia da crise ou da decadência da história nacional.

Daí esta certeza:

Por outras palavras: não há experiência sem teoria alguma, sem qualquer interpretação que do intelecto surja: toda experiência é construída com teorias, toda sorte de teoria está dentro da experiência e toda espécie de experiência é uma manifestação de teorias (SÉRGIO, 1977, p. 211).

Teoria e experiência coincidem nos **Ensaio**s. Eis a regra de construção da própria forma escrita por Antônio Sérgio. Nada escapa a isso. De fato, isso não é dogmático, mas quase natural. Na experiência encontra-se a denúncia, porque pensar as experiências não se distingue do ato consumado na antevisão da decadência. Note bem que não se distingue, não se afasta, não se diferencia, não se estranha, mas se esclarece o campo de cultura para acordar os cidadãos, a elite que vai semeá-lo. A obra não é estranha às condições de cultura, daí a dificuldade de perdoar e a decorrente mágoa. Tudo precisa ser iluminado pela cultura autêntica então construída; nada fora, tudo dentro. Não existem espaços vazios. Na forma *Ensaio*s se objetiva a cultura autêntica como denúncia.

Tudo para acordar o leitor por objetivação da denúncia da falta de inteligência na cultura. Entenda-se: acusação de que se não pratica a cultura segundo a experiência exemplar do Quinhentismo português, isto é, a experiência do descobrimento como promessa que não cumpre Portugal. A proposta de autonomia para o leitor frente às obras, não implica ou não conduz à negação plenamente venturosa da cultura como total objetivação da promessa não cumprida, do vacilo histórico de Portugal, do imprevisto dos que teimam em pensar dormindo.

Ocorre que a crítica contribui para a cultura na medida em que não nos deixa esquecer da necessária interrupção da objetivação por obras.⁵ Pôr algo fora. Fundar a opacidade do ambiente na esperança que nunca será materializada. Mas a esperança na promessa não cumprida torna-se, por revés, a expectativa da experiência ética de vanguarda, mediante a revolução da cultura ou da mentalidade dos portugueses. Aquele que responde nos mesmos termos da pergunta, antes corresponde. Em correspondência com as condições de cultura, Antônio Sérgio não renega o que ousa ver e apresentar. Ao classificar os homens de inteligência como críticos a partir da disciplina de denúncia da decadência nacional, enraíza-se no cumprimento da antevisão dos tempos e pratica o gosto provinciano pela fama. Visto que aquele que se pusesse a serviço da cultura de fato antes encontraria a destruição e não a reiteração da condição de crise. O que não acontece mesmo nos “estrangeirados” ou exilados de Portugal, que ele tanto exalta, pois as denúncias e acusações que proferiram antes iluminam e não os excluem da cultura encerrada sobre si mesma.

Antônio Sérgio confessa que nunca escreve para “encher os cérebros”, mas sim para “pôr em atuação efetiva (libertando, impelindo) a aventureira inteligência dos meus [no caso: seus] leitores” (SÉRGIO, 1977, p. 194). Ocorre que tal atuação também não esvazia os “cérebros”. A identificação entre experiência e teoria, cultura e **Ensaio**, – enfim, cultura e crítica como denúncia –, inviabiliza o acento no processo de negação ou de destruição dos traços para os quais a própria obra aponta. O movimento retórico da obra de Antônio Sérgio não desafia as normas da clareza e distinção nas denúncias que antes provam a sobredita identificação. Talvez fosse preciso perverter todo sentimentalismo que renega como cultura decaída em rasgada ironia. Virar de fato para fora e se mover aventurosamente para a luz, o

⁵ Sobre CRÍTICA e CULTURA: T. W. Adorno, “Crítica cultural e sociedade”, in Prismas. Crítica Cultural e Sociedade. São Paulo: Ática, 1998.

oceano, a abertura que acalenta. Posto que a faina dos descobridores diz respeito à aventura rumo ao mundo imaginado, mas pouco conhecido. Algo, sobretudo, estranho. Para isso, um riso irônico do que se conhece precisava ser sentido a cada recalçamento de críticas recebidas, aniquilando as mágoas e rancores que animam o pensar viciado e autômato, a abrir-se assim caminho para a diferenciação irrevogável entre crítica e cultura.

BIBLIOGRAFIA DE ANTÔNIO SÉRGIO

QUENTAL, Antero Tarquínio de. **Sonetos**. Org., pref. e anotado por Antônio Sérgio, 2^a ed.

Lisboa: Sá da Costa, 1963, coleção de clássicos Sá da Costa.

Obras Completas – Ensaios, tomo V. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

Obras Completas – Ensaios, tomos VII e VIII. Lisboa: Sá da Costa, 1974.

Obras Completas – Ensaios, tomo II, 2^a ed. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

Obras Completas – Ensaios, tomo III, 2^a ed. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

Obras Completas – Ensaios, tomos I e VI, 3^a ed. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

Obras Completas – Ensaios, tomo IV, 2^a ed. Lisboa: Sá da Costa, 1981.

BIBLIOGRAFIA DEDICADA À OBRA DE ANTÔNIO SÉRGIO

BRANCO, J. Oliveira. **O Humanismo Crítico de Antônio Sérgio: análise dos seus vectores filosóficos**. Coimbra: Publicações do ISET, 1986.

FALCON, Francisco. “Historiografia Portuguesa Contemporânea. Um ensaio histórico-interpretativo”, **Revista Estudos Históricos. 1: Caminhos da Historiografia**. Rio de Janeiro: F.G.V./Cpdoc, 1998.

GODINHO, Vitorino Magalhães. “Antônio Sérgio: presença no passado, presença no futuro”, in **Ensaios. Humanismo científico e reflexão filosófica**, vol. 4. Lisboa: Sá da Costa, 1971.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português**. 5^a ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.

MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de. **Antônio Sérgio e a filosofia**. Lisboa: Cosmo, 1960.

SERRÃO, Joel. “O lugar da História no pensamento de Antônio Sérgio”, in Magalhães-Vilhena et al. **Homenagem a Antônio Sérgio**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa-Instituto de Altos Estudos-Coletâneas, 1976.

CATROGA, Fernando e CARVALHO HOMEM, Amadeu José (coord.). **Revista de História das Idéias – V Antônio Sérgio**. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Idéias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, 2 vols.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ADORNO, T. W. “O ensaio como forma”, in **Sociologia**. Org. Gabriel Cohn. 2ª ed. São Paulo: Ática, s/d.
- _____. “Crítica cultural e sociedade”, in **Prismas. Crítica Cultural e Sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.
- BARTHES, Roland. “Qu’est-ce que la critique?”, in **Essais critiques**. Paris: Éditions du Seuil, 1964.
- BENJAMIN, Walter. “Questões introdutórias de crítica do conhecimento”, in **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Pref. de Álvaro J. da Costa Pimpão. 3ª ed. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto Camões, 1992.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- LACAPRA, Dominick. **History & Criticism**. 3ª ed. Ithaca/London: Cornell University Press, 1992.
- LIMA, L. Costa. “A narrativa na escrita da história e da ficção”, in **O Aguarás do Tempo: estudos sobre a narrativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LIMA, Silvio. **Ensaio sobre a essência do ensaio**. São Paulo: Saraiva, 1946.
- LUKACS, Georg. “Esencia y forma del ensayo (Carta a Leo Popper)”, **ECO – Revista de la Cultura de Occidente**, Enero de 1967, Bogota: Bucholz
- PESSOA, Fernando. **Páginas de Doutrina Estética**. 2ª ed. Lisboa: Editorial Inquérito, s/d.